



GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a
 Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta
 Instituto de Estudos Sociais e Políticos) -
 Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) -
 Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontifícia
 Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) -
 Debatedor/a

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos outros. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja a economia ou que caracterize algo prática, teoria ou econômico. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicas voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dívida, a política, as moralidades e assim por diante.

O dinheiro patikula?: reflexões sobre a monetarização entre os Kalapalo do Alto Xingu

Autoria: Marina Pereira Novo

A intenção desse texto é apresentar algumas reflexões sobre o acesso e os efeitos da intensificação da monetarização entre os Kalapalo de Aiha (povo de língua karib, da região do Alto Xingu). Assim como outros povos indígenas do Brasil, eles vêm passando por um processo de transformação rápido e intenso, relacionado ao desejo e ao acesso ao dinheiro e ao mundo das mercadorias. Ainda que esses recursos sejam provenientes de diversas fontes, as políticas de transferência de renda são, atualmente, a principal forma de acesso ao dinheiro das pessoas de Aiha. Os recursos dessas políticas possuem uma peculiaridade, se comprados aos demais tipos de dinheiro acessados pelos Kalapalo, pois compreendem um acesso individual/familiar, ou patikula, como dizem, em contraposição aos recursos coletivos o dinheiro ou as coisas da comunidade, katutolo engü (coisas de todos), ou seja, verbas e produtos industrializados advindos de projetos, visitantes, pesquisadores e por meio das associações indígenas. Com base em dados etnográficos, pretendo discutir como, ao circularem no cotidiano da aldeia, esses recursos (seja o dinheiro ou os objetos com ele adquiridos) contribuem para a criação e manutenção de formas específicas de relações, sejam elas de consanguinidade, afinidade ou amizade. Por um lado, a disponibilidade dos benefícios sociais permite que as pessoas supram seus desejos pelos objetos industrializados, ou pela também desejada escolarização e, ao mesmo tempo, permaneçam morando nas aldeias, sem precisar morar fora da aldeia. Por outro lado, seu acesso (que inclui a necessidade de cadastramento, atualização cadastral e saque dos valores) implica na permanência por tempos cada vez mais prolongados na cidade. Esse trânsito mais frequente, por sua vez, gera efeitos muitas vezes não previstos e nem sempre bem avaliados, ao fazer com que as pessoas se distanciem das tarefas domésticas e também de seus parentes. Adicionalmente, a satisfação dos desejos pelas mercadorias e pelo mundo do branco tem sido acompanhada por um aumento



expressivo do que é desejável, aumentando também a necessidade dos recursos e, conseqüentemente, a frequência com que acabam se deslocando até as cidades. Um ciclo vicioso que parece não mostrar saídas: para a (re)produção do parentesco é cada vez mais necessária a circulação de mercadorias que, para serem adquiridas, exigem a imposição de fraturas (que podem ser muito breves, mas também muito sérias) nas redes de parentesco.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

